

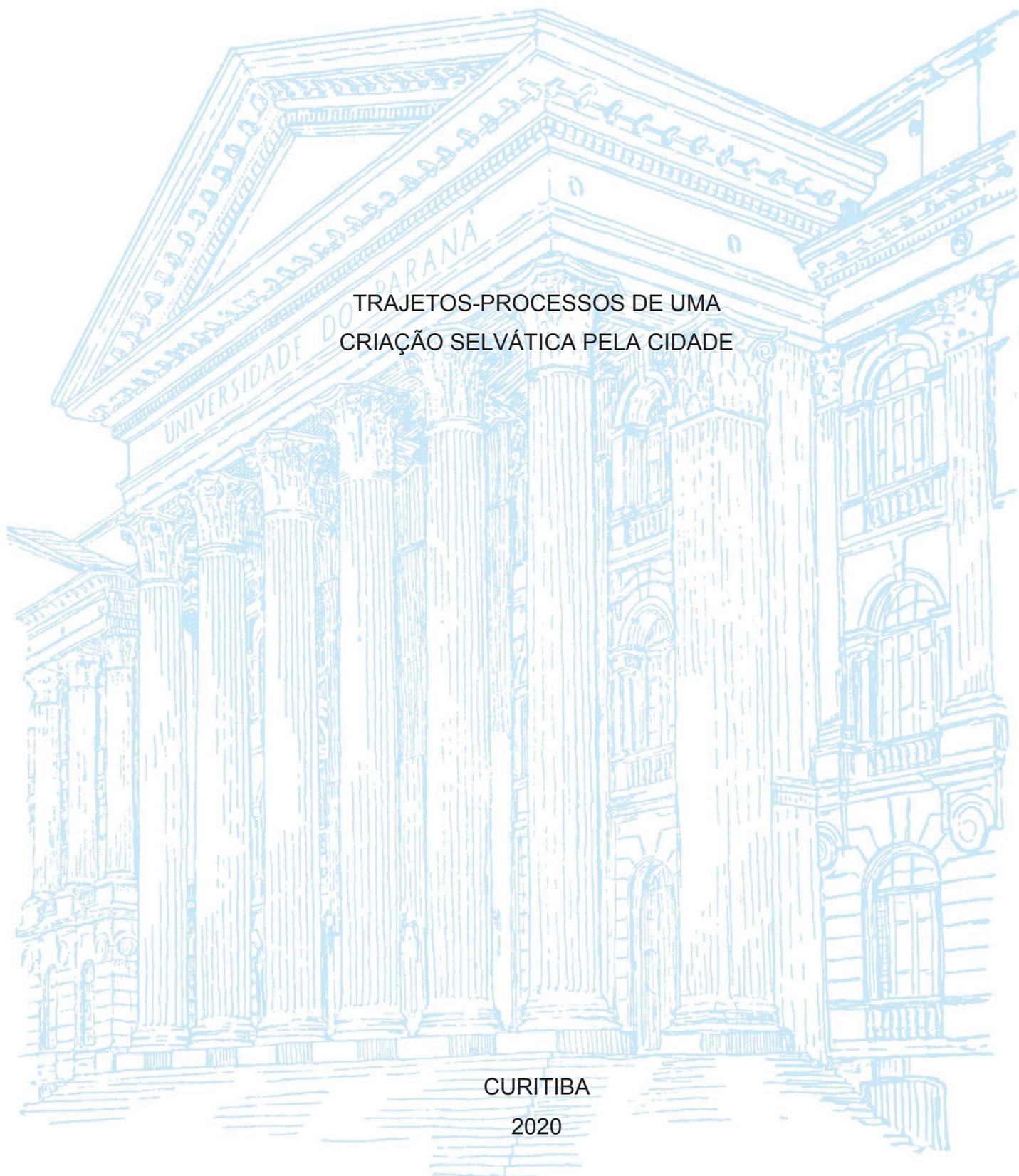
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THALITA ALVES SEJANES

TRAJETOS-PROCESSOS DE UMA
CRIAÇÃO SELVÁTICA PELA CIDADE

CURITIBA

2020



THALITA ALVES SEJANES

TRAJETOS-PROCESSOS DE UMA
CRIAÇÃO SELVÁTICA PELA CIDADE

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, ao Programa de Pós-graduação Educação em Ciências e em Matemática do Setor de Exatas da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Profa. Dra. Katia Maria Kasper

CURITIBA

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE – SIBI/UFPR

S463t Sejanos, Thalita Alves

Trajetos-processos de uma criação selvática pela cidade [recurso eletrônico] / Thalita Alves Sejanos. Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado) - Mestre em Educação, no curso de Pós-graduação Educação em Ciências e em Matemática, Setor de Exatas, Universidade Federal do Paraná
Orientadora: Profa. Dra. Kátia Maria Kasper

1. Cartografia. 2. Matemática. I. Kasper, Kátia Maria. I. Título.

CDD 526.098

Bibliotecária: Vilma Machado CRB9/1563

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **THALITA ALVES SEJANES** intitulada: **Trajetos-processos de uma criação selvática pela cidade.**, sob orientação da Profa. Dra. KÁTIA MARIA KASPER, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovação* no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 19 de Fevereiro de 2020.



KÁTIA MARIA KASPER

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



SONIA MARIA CLARETO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA)



ANDRÉ PIETSCH LIMA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Kátia pela preciosa orientação e pelo encontro de vida.

Ao grupo de pesquisa: Gabriela, Thiago, Maiara, Camila, Fernanda, Gizele, Susan pelos contágios de paixão, e pela partilha das delícias e agruras dos processos de pesquisa.

À Prof.^a Sônia Maria Clareto e Prof. Andre Pietsch Lima pela leitura e grande contribuição.

Às artistas criadoras deste cabaré e equipe: Leonarda Glück, Jo Mistinguett, Cali Ossani, Stéfano Belo, Patricia Cipriano, Semy Monastier, Patricia Saravy, Nina Ribas, Amira Massabki, Cesar Mathew, Leo Bardo, Matheus Henrique, Simone Magalhães, Vi Gabarda, Amabilis de Jesus, Renata Cunali, Cacá Bordini, Bruna Costa, Cibelle Gaidus, Halyne Czmola.

Aos amigos criadores deste cabaré, generosos incendiadores e incentivadores desta pesquisa, Francisco Mallmann, Gabriel Machado e Ricardo Nolasco.

Às amigas Loana e Juliana pela partilha nos dias, a coragem e os saberes em pensar sobre o que nos atravessa o corpo.

À amiga Duany e Kennedy por tudo que me ensinam sobre resistência micropolítica e sobre corpo na educação básica.

À amiga Joana Corona (*in memoriam*) pela viva inspiração.

À Maria Eliza, Otávio e Ana Maria (*in memoriam*) por priorizarem minha educação em meio a tantas adversidades.

Aos encontros que me transformam e me desformam na caminhada.

Máximo respeito e admiração pela vivacidade das criadoras.

eles têm as armas
e eu tenho o sangue

é essa nossa diferença
(Francisco Mallmann)

RESUMO

Essa pesquisa tateia a criação, na perspectiva da obra "O Aracniano", de Fernand Deligny, na qual a rede é pensada como modo de ser e inspira procedimentos na cartografia dos gestos criadores das artistas do coletivo Selvática Ações Artísticas. Esboçando pistas a propósito dos processos de criação: trajetos, encontros, acasos e ocasiões. Experimenta traçar mapas, criar visualidades, envolvendo risco e experimentação na realização de um espetáculo teatral pela cidade de Curitiba. Com a ecosofia de Félix Guattari a cidade tramada em processos desejantes, desformativos e a criação como potência do vivo. Traçar é um agir. Desenha-se uma trama aracniana: saber do corpo, fazer-se rede, movida pelos efeitos de tais encontros.

Palavras-chave: ECOSOFIA; CORPO; CRIAÇÃO; CARTOGRAFIA; FERNAND DELIGNY.

ABSTRACT

This research has groped the creation, through the perspective of the written work "o Aracniano", by Fernand Deligny, in which the web is considered as a way of living, and it inspires certain procedures in the cartography of the creative gestures of the artists in the group Selvática Ações Artísticas. Gathering clues concerning the creative processes, routes, meetings, the hazard and the occasion. Trying to trace maps, creating visuality and involving risk and experimentation, in the making of a theater play in the streets of Curitiba. With Felix Guatarri's ecosophy, the city wefted in desiring processes, deformative processes and the creation as life potency. To trace is to act. An aracnian thread is drawn: the knowledge of the body, to become a web, moved by the effects of such meetings.

Keywords: ECOSOPHY; BODY; CREATION; CARTOGRAPHY; FERNAND DELIGNY.

SUMÁRIO

1 PRÓLOGO	8
2 RUA	9
3 A REDE.....	38
4 A CRIAÇÃO	52
5 A MÁQUINA QUE SOMOS.....	60
REFERÊNCIAS.....	84

PRÓLOGO

Esta pesquisa traça uma cartografia do processo de criação do espetáculo CABARET MACCHINA - Uma pós-opera anti-edipiana da Casa Selvática, em diversas praças públicas da cidade de Curitiba de janeiro a abril de 2018. A cidade pela ótica da invenção, dos contrastes e dos inúmeros encontros que produz.

Caminha junto com essas artistas (interlocutoras de pesquisa), a partir da proximidade de relações de trabalho e afeto. Mantém especial atenção nos procedimentos das artistas para criar, movimento que compreende a invenção de caminhos e modos de fazer, e abertura radical para os encontros - com entidades humanas e não-humanas.

Essa produção mobiliza radicalmente o encontro com pessoas, textos, leituras, informações, a cidade como intensidade que passa pelo corpo e pelo desejo, e os corpos como efeito dos encontros. Uma pesquisa como efeito de encontros. Com a ecosofia de Félix Guattari uma perspectiva que não separa natureza e cultura, que conjuga estética e política e ousa perguntar, como não deixar de caminhar? Em um cenário de precarização da vida na terra, intensas mudanças e transformações, desastres ambientais, subjetivos e sociais, caminha com as artistas pela cidade e acompanha um modo de não deixar de agir.

Artistas criando, recriando, reexistindo em uma cena independente. Resistência micropolítica. Pensar com o corpo todo. Implicar-se. Aprender e pesquisar a partir do desejo, para existir. “Nós não nos esconderemos”¹.

A proximidade, a velocidade, os sobressaltos de caminhar à pé. Realizar esta pesquisa aqui e agora, um modo de resistir a tempos brutos, praticar o “pensamento em plena função” (ROLNIK, 2018, p.197). A cidade, terreno extremo da alteridade. A educação no olhar para a alteridade como abertura radical para os encontros, encarar o desconhecido, olhar o que não é espelho, estar em coletividade. Diferença. Dissenso. Acompanhar a formação de redes que se criam para existir. Provoca pensar a formação pela desformação do olhar, pela disponibilidade, pela mutação dos sentidos de existir e conviver.

¹ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.

RUA

*A cidade me atravessa.
O que ameaça e o que é promessa?
(Caetano Veloso)*

Rua.

O vai-e-vem é constante.

Lugar de passagens. Carros não param de passar, velozes, carros não param de estacionar. Ouço o barulho deles incessantemente. Na paisagem sonora também existem alarmes intermitentes, e aqueles que não cessam.

O vai-e-vem é constante.

Corpos transitam e se encontram. Eventualmente escuta-se um sonoro palavrão que um motorista fala para outro, ao mesmo tempo que uma pessoa oferece ajuda.

Minímos encontros.

Esbarros.

Agressões.

Solidariedades.

Traumas.

Sonhos.

Inesperadas vizinhanças. Palavras e imagens por toda parte, avisos em cores de destaque, frases em camisetas, comunicações gerais, outdoors eletrônicos em alta definição. Em todos os lugares que olho existe algo para ler, e leio.

Na janela de um alto prédio, alguém observa tudo de cima, rua de inúmeros acontecimentos que não são sequer notados.

Rua do improvável esquina com a rua do imprevisto.

Em diversos lugares da cidade (Curitiba – PR), aproximadamente 20 pessoas se encontravam para criar um espetáculo. Artistas de cabaré e equipe técnica do coletivo Selvática Ações Artísticas. Uma pequena massa, malta, bando de corpos políticas atravessa a cidade e é por ela atravessada. No vai-e-vem das cidades passam corpos radicalmente acordados.

A primeira vez que este coletivo se envolveu inteiro num mesmo projeto e a primeira vez no espaço público. No verão, de um país cujo ano anterior estava marcado por sucessivos casos de censura às artes², este bando de artistas decide realizar um espetáculo na rua. “Nós não nos esconderemos”³.

Uma pequena massa destoante e dissonante na cidade de corpos apressados em seus trajetos definidos, e muitos, corpos curiosos. “O cabaré se instala”⁴. Textos emergem no processo aparecendo e desaparecendo nas praças públicas, nos terminais urbanos, fragmentos de cenas. Ecoam.

Um coletivo de artistas de cabaré se encontra em um espaço público na busca dos restos de um herói. Em meio a espetacularidade que compõe fluxos e dinâmicas de uma grande cidade esses artistas apresentam personagens clássicos e fragmentados misturados as suas próprias vidas. O tom bélico, presente nas tragédias relidas por Heiner Müller e mais uma vez relidas pelo Coletivo Casa Selvática, agora encontra as ruas da cidade.⁵

A escrita de uma dramaturgia.....com a cidade.....um texto em maquinação.....fazer da rua matéria.....criação... variar modos de estar na cidade.....incorporar.....movimentos maquínicos.....contracenar com.....artistas criando..... cidade, intensidade que passa pelo corpo.....lançar-se radicalmente ao encontro.....inventar procedimentos.....provocar modos de ver.....modos de agir.....ir para a rua com perguntas⁶:

² O ano de 2017 no Brasil foi marcado por episódios de censura a temas contemporâneos na arte como as narrativas LGBTQIA+ e censura a temas recorrentes, como a nudez.

³ Dramaturgia de Cabaret Macchina – uma pós-ópera anti-ediapiana da Casa Selvática, de Francisco Malmann e Leonarda Glück a partir da obra de Heiner Müller.

⁴ Anotação de conversa, diário de bordo.

⁵ Diário de Bordo Cabaret Macchina. Disponível: <https://www.selvatica.art.br/cabaretmacchina1> Acesso em: 19 abr. 2019.

⁶ E-mail com perguntas de Francisco Malmann, dramaturgia.



Pesquisar e-mail

Escrever

Caixa de entrada 1.155

Adiados

Importante

Enviados

Rascunhos 27

Spam 63

Categorias

Social 151

3 convites

Você estava em uma vídeocham

Você estava em uma vídeocham

Você estava em uma vídeocham

vazio

Ninguém entrou na sua chamac

O que pode significar falar de dentro de um Cabaré?

Como falar na rua?

Como falar em bando?

Como fala uma máquina?

O que me autoriza a falar? O que me permite ter voz?

Por que posso tomar a palavra? Por que quero tomar a palavra? Quais outras palavras vem junto dela?

Quais os sentidos possíveis de um discurso?

Como fala uma cidade?

Como fala o inimigo?

Como complexificar um discurso aparentemente simples, óbvio, pronto?

Quanta energia empreender em uma palavra? Quanto esforço em uma palavra?

Como falar questionando o que se fala?

Como ouvir questionando o que se escuta?

Como não julgar tão rapidamente uma palavra?

Como usar/mobilizar/articular palavras ao meu favor?

Como enfrentar palavras que poderiam não ser as minhas?

O que pode ser o avesso de um discurso totalitário?

Como não abandonar/desistir de uma palavra/um discurso antes de experimentar

as várias possibilidades que uma palavra/um discurso pode ter no meu corpo?

Quais são as minhas responsabilidades como artista/atriz/ator/performer?

Quais são as minhas responsabilidades quando decido falar – e calar?

Encontros de criação na rua

Traçar é um agir.
(Fernand Deligny)

26/01/2018

I

Os encontros eram chamados de máquinas.

Artistas criadoras propunham ações, troca de procedimentos de criação.

Um período de trabalho dentro da sede do coletivo. Acontece um improviso com sons. Instrumentos musicais, objetos variados e uma espécie de orquestra que se forma e desforma. Variadas paisagens sonoras se instalam: o som de metal de utensílios de cozinha, o corpo imponente do som de um berrante, as vozes em coro esboçam um som gutural.

Ensaio, experimentação, ritual. Preparação para sair.

II

As artistas saem para a rua, chove.

Encontram carros em fluxo acelerado, uma movimentada avenida.

A segurança do corpo na rua se torna um assunto do encontro. Alguém reivindica a liberdade de expor o próprio corpo ao risco, argumenta que é o modo como cria, e também como vive a vida.

“Não existe arte experimental, sem uma vida experimental.”⁷.

A matéria de criação é desejo. O corpo na rua é desejo.

⁷ Anotação de conversa, diário de bordo.



III

Um experimento de cena, ecoa um fragmento de texto de Heiner Müller na praça. Um personagem autoritário surge, um paredão de artistas em posição de batida policial. Corpo-estado-de-alerta.

Uma artista com chapéu de cowboy e botas de plástico propõe a caminhada na quadra com o coletivo unido por uma imensa corda. Corpos juntos. Aglomeração. Qualquer movimento afeta o todo. A corda materializa essa rede que se cria na calçada, desenha na cidade.

A poucos metros do fluxo intenso de carros na rua.

Velozes olhares.



IV

No estacionamento de um supermercado, outro experimento com texto.

Esboça-se uma cena, a voz da artista na rua é eloquente.

Um pequeno público se forma por algum tempo. Atrás de seus carrinhos, olhares intrigados antes de se dirigir às compras.



29/01/2018

I

Artistas criando em praça pública.

Primeiro encontro na Praça Rui Barbosa, onde a estreia aconteceu.

O grupo faz uma experimentação proposta por uma artista. Aglomerar e afastar os corpos na praça. Todas as artistas juntas, outro corpo. Artistas espalhadas em diversos pontos da praça, pontos de performance.

Que corpos são criados?





II

Acontece uma marcha e um desfile sem passarela, um desfile na praça.

Solos de improviso.

Um corpo adulto rola na praça.

Rola e senta no chão o corpo de artista de cabaré.



III

Convívios.

Paralelamente ao desfile que fazem as artistas, acontece na praça um grupo de oração.

06/02/2018

I

A ação começa com uma prática de Yoga.

Área externa do Museu Metropolitano de Arte de Curitiba (MUMA), imponente construção da arquitetura modernista numa tarde de terça feira. O local é povoado por crianças no parque e pessoas sentadas na grama.

Aparece a fila, a marcha. Ecoa pela marquise um texto que evoca a Medéia, de Shakespeare, nos dias atuais. Ao lado de um terminal urbano.

II

O exercício do coletivo se distanciar e se aglomerar acontece num parque ao lado, nos prédios em volta os trabalhadores surgem nas janelas com câmeras de celulares e filmam.

III

A arquitetura do local e o comentário de uma artista sobre tantos paradigmas modernos vigentes, ainda que possamos nos considerar pós-modernos.

Existe uma caixa de som sem fio que transita tocando música em português e alemão.

08/02/2018

I

Um banquete na Praça José Borges de Macedo, no centro de Curitiba.

Farta mesa grande e cadeiras de metal rosa, dessas de bar.

A ação começa com uma leitura de tarot.

II

Muitas pessoas passando pela praça, algumas perguntam o que está acontecendo. “É teatro?”, “Sim, é teatro!”, alguém responde prontamente.

Heloísa é uma destas pessoas, senta e come conosco. Faz perguntas e deseja falar sobre política.

III

Conversamos e comemos.

Partilhamos alimentos com pessoas em situação de rua que passam e pedem. Passam mas não permanecem.

Ao redor da mesa na praça, no centro da cidade, um banquete é festivo. E a cidade é uma “ferida aberta”⁸.

⁸ Dramaturgia de Cabaret Macchina – uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática, de Francisco Mallmann e Leonarda Glück a partir da obra de Heiner Müller.



14/02/2018

I

Antes de ser a praça Rui Barbosa, no centro de Curitiba, o espaço já foi ocupado por circos, exposições, parques de diversões, eventos religiosos e um quartel.

Hoje uma praça enorme que abriga um equipamento público. A rua da cidadania conta com restaurante, bancas de comércio popular, instituições públicas e um teatro (usado apenas como camarim nos dias de apresentação).



Fotografia: Francisco Mallmann.

II

Ensaaios a partir da dramaturgia.

Uma estrutura de metal gigantesca.

Escala monumental da arquitetura da cidade.

De noite está surgindo o Cabaret Macchina.

III

Algumas pessoas entram na cena, e as artistas contracenam com.



Fotografia: Francisco Mallmann.

Estreia

Estreia do espetáculo, às 21 horas do dia 03 de abril de 2018.

Uma pequena multidão se concentrava na praça na noite de terça-feira para o espetáculo, um agrupamento que poderia ser confundido com uma manifestação.

A multidão é um personagem. Os momentos que o coletivo se junta na peça, criando um corpo, são os únicos em que é possível artistas se destacarem do público.

Senhoras e senhores apresentamos nessa noite uma cidade no sul.
Percebam, ao olhar pro horizonte, que tudo é espetáculo.
Luar, nuvens, prédios, ruas planejadas por uma equipe eficiente de cenografia.
É tudo encenação!⁹

O som conduz o público tanto quanto o olho.

Atrás desses prédios não existe nada mais do que linhas que se cruzam nesse espetáculo que é apenas o que podemos oferecer.
A cidade é uma ferida aberta.
O nosso drama é o marco central de todas as periferias do mundo.
Artistas de Cabaré fogem de seus bueiros, tocas e frestas na busca por um herói.
Ou melhor... Uma heroína.¹⁰

Uma parte da peça fora, outra parte dentro da rua da Cidadania Matriz, as bancas de comércio fechadas.

⁹ Dramaturgia de Cabaret Macchina – uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática, de Francisco Mallmann e Leonarda Glück a partir da obra de Heiner Müller.

¹⁰ Dramaturgia de Cabaret Macchina – uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática, de Francisco Mallmann e Leonarda Glück a partir da obra de Heiner Müller.

A REDE

“Isso é anotado meramente para indicar que a rede não é uma solução mas um fenômeno constante, uma necessidade vital.”
(Fernand Deligny)

Encontro as artistas para trabalhar junto, no desenho de materiais para a divulgação da peça, acompanho encontros de processo para criar *com*. A Casa Selvática, um chamativo sobrado rosa em um bairro residencial da cidade de Curitiba, abriga o coletivo desde sua fundação, em 2012, e se mantém através de eventos culturais (apresentações artísticas, encontros sobre temas variados, bazares, lançamentos de livros e festas como *Tem bububu no bobobó*, evento anual que comemora o aniversário do coletivo).

A Selvática Ações Artísticas é um coletivo de artistas vindos de diversas linguagens interessados em criação e pesquisa colaborativa. Seus trabalhos já foram apresentados em diversas cidades do Brasil, da América Latina e Europa.

Entre as linhas de força que movimentam o coletivo estão: investigação e pesquisa de novos formatos para a produção de conhecimento, produção de uma arte contemporânea que esteja profundamente comprometida com a realidade brasileira e latino-americana, além da construção de um espaço para a experimentação identitária, a permeabilidade entre linguagens artísticas, o hibridismo, a processualidade e a descentralização.¹¹

Artistas, do sul da América Latina, diferentes idades, trajetórias, formações e interesses. Desse coletivo emergem trabalhos solos, duplas, trios, partes do todo, atuações em artes visuais, música, performance, teatro, crítica, dramaturgia e literatura. Multiplicidade de relações que esse cabaré leva para a rua. Um bando, uma malta, e a roda da fortuna. Máquina de Guerra.

Quanto a máquina de guerra em si mesma, parece efetivamente irreduzível ao aparelho de estado, exterior a sua soberania, anterior a seu direito: ela vem de outra parte.[...] Não se reduz a um dos dois, tampouco forma um terceiro. Seria antes como uma multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose. *Desata o liame assim como traí o pacto*. Faz valer um *furor* contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma máquina contra o aparelho. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.13)

¹¹ Descrição do coletivo a partir do site www.selvatica.art.br. Acesso em: 19/01/2019.

Observar os encontros, mapear o que pode um trabalho artístico, pesquisar o que mobiliza as artistas nesta criação com a cidade, gestos, conceitos, cores, são procedimentos de um processo de criação em desenho que se estenderam para uma pesquisa acadêmica, uma cartografia. Desenhamos juntas as cartas de um tarot desta dramaturgia. Máquina Selvática.

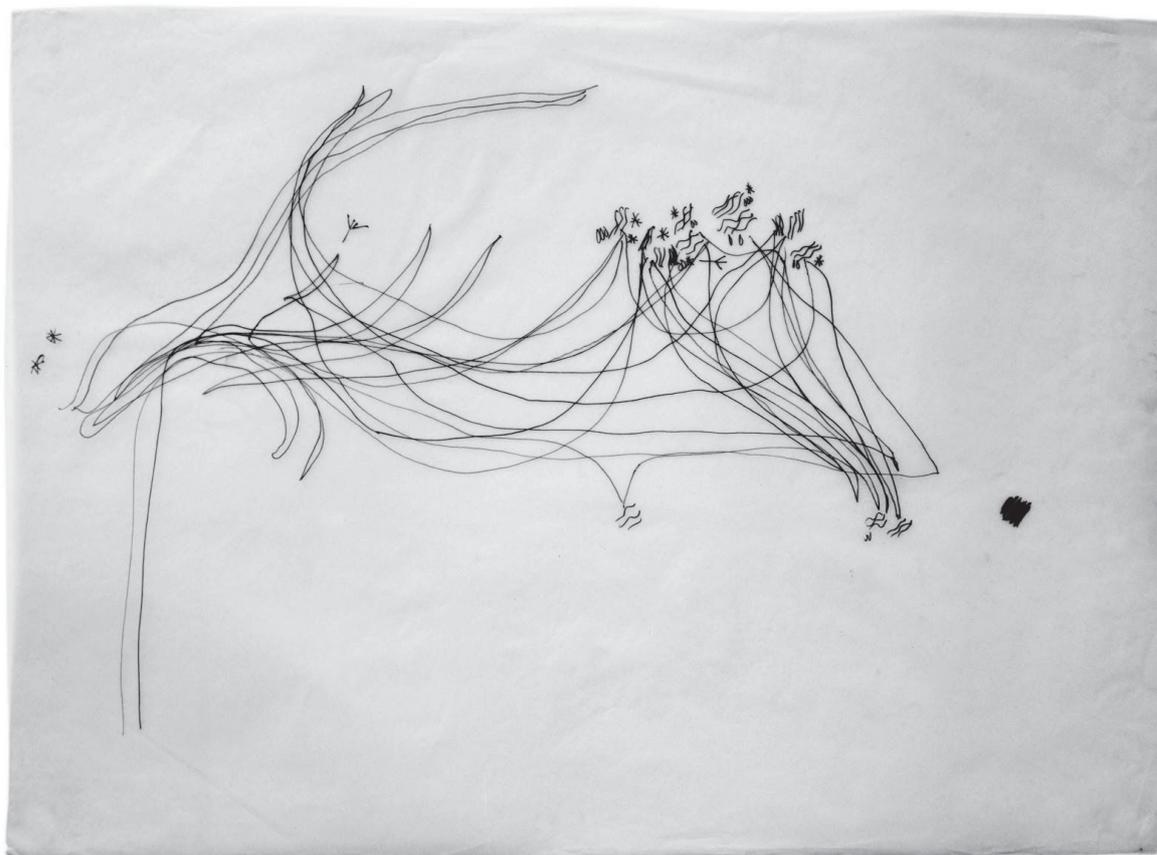


O olhar que percebe esse coletivo de artistas criando é contagiado pelo trabalho de Fernand Deligny. A prática artística permitiu o encontro com a produção do educador que traça mapas dos trajetos cotidianos das crianças que acompanha, chamadas autistas, nos anos 1970.

Pedagogo e poeta, trama linhas com materiais diversos: carvão, pastel, grafite... “O método Deligny: produzir o mapa dos gestos e dos movimentos de uma criança autista, combinar vários mapas para a mesma criança, para várias crianças...” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.10). Articular a materialidade do desenho ao texto para acompanhar processos. Seguir os mínimos gestos e com eles perceber, tatear, outros modos de vida, o que nomeou uma *rede*.

Ao desenhar, prática intimamente ligada à atenção, Deligny (2015) elabora um olhar minucioso para a rede que acompanha: observa infinitamente, mapeia repetições, percebe acasos, amplia escutas, produz aberturas. Lança-se ao encontro. “Também se poderia dizer que esses trajetos têm uma rede, constituem a rede, fazem-se em rede. Assim é com o aracniano: nunca se sabe se ele trama, ou se consiste apenas em ser tramado” (p.23).

O que pode um encontro? Como olhar? Os mapas convidam os olhos em sua potência estética e em sua potência política. Revelam estratégias para provocar o olhar, o pensar, o agir face à diferença. Múltiplas linhas. Potência estética-política de pensar-agir. Esta cartografia toma os procedimentos de Deligny como inspiração, atenção para olhar uma rede de artistas criando na rua.



Monoblet, novembro de 1976 (DELIGNY, 2015, p. 258)

No encontro com uma *rede* que não se articula a partir da fala, ensaia sobre este modo de ser singular. “A rede é um modo de ser.” (Deligny, 2015, p. 15).

Sua escrita percorre a violência que os olhares hegemônicos para qualquer diferença podem produzir, inclusive no campo da educação. Indigna-se com os modos dominantes que totalizam, reduzem e definem a subjetividade; no caso desta rede reduzir à linguagem, ao que chama de consciência de si.

Quando uma criança “autista” olha fixamente a palma de sua mão, só falta um espelho para que compreendamos o que ela contempla.

A propósito deste gesto muito comum e frequente, temos escolha entre duas atitudes:

[1] - colocar um espelho na concavidade da mão para aproveitar a ocasião (pois nunca se sabe: bastaria uma vez para que a criança se apercebesse de que ela existe, já que ela se veria).

[2] - olhar, nós também, a palma dessa mão - e não na esperança de ver a mesma coisa que a criança vê. Podemos olhar; olhar não é ver. (DELIGNY, 2015, p.72)

Quando se multiplicam os modos de existir, desformar o olhar. Perceber diferenças. Observa que “quando o espaço se torna concentracionário, a formação de uma rede cria uma espécie de fora que permite ao humano sobreviver.” (DELIGNY, 2015, p. 18).

Não se trata de criar redes. Como adverte, (DELIGNY, 2015, p.30) elas podem desaparecer ou acabar em instituição. Se trata de uma percepção que elas se criam. Com o pedagogo que se autodenominava etólogo, ampliando significações desse termo da zoologia, especialidade da Biologia que estuda o comportamento animal, para atribuir essa palavra a seu exercício de olhar, dinamizar texto e imagem para acompanhar mínimos gestos. Criar a circunstância do encontro. Os desvios nomeia de guinadas e as segue.

Para a rede que observa, as crianças chamadas autistas, promove com seu ensaio um documento do olhar. Olhar a partir dos seus respectivos modos de existir e atuar para afirmar essa singularidade e aprender sobre ela com ela, atribuindo a aprender uma ideia radical de abertura para o mundo e suas intensidades. Cartografia que compreende em seu trajeto silêncios, errâncias, linhas de não-sentido, acasos, invenções. “Na realidade, acaso é uma palavra absolutamente inexplorada, e usada meramente para conter nossa perplexidade” (DELIGNY, 2015, p. 20)

“ Melhor seria falar de atração pelo vago.

Vago é uma palavra que parece ter origens díspares, o que confere vastidão e diversidade ao eco que ela produz.

Vaga é a onda na superfície da água, vago é o espaço vazio, o que o espírito tem dificuldade em apreender, enquanto vagar é andar ao acaso.” (DELIGNY, 2015, p. 19)

A rede que esta cartografia acompanha, tece um texto, uma dramaturgia com a cidade, ao contrário da rede que observava Deligny, excesso e saturação da linguagem. A adaptação da adaptação, Heiner Müller adaptando Shakespeare, Selvática adaptando-os, a linguagem do cabaré. Cânones e recriações. Essa rede de artistas que se encontra para trabalhar em uma criação. “De uma rede a outra, coincidências. O que há de semelhante na situação que as provoca? Um excesso de restrição.” (DELIGNY, 2015, p. 63).

Entre o excesso, e aproveitando-se disso como de tudo que atravessa o caminho, a relação intensa com a palavra e com o ouvir o próprio corpo. A disponibilidade para o encontro com tudo: rua, pessoas, textos, conceitos, entidades humanas e não-humanas. Múltiplos atravessamentos vividos com o corpo inteiro e uma pesquisa que não é separada da vida. “Não existe arte experimental, sem uma vida experimental”¹².

Cabaret Macchina - Uma pós ópera anti-edipiana da Casa Selvática foi uma criação possível mediante a elaboração prévia de um projeto. A partir da aprovação de incentivo financeiro, ocorreram os diversos encontros de criação e temporada itinerante pelo centro e bairros da cidade de Curitiba, entre março e junho de 2018 em cerca de 15 apresentações.

Dentre os procedimentos iniciais de criação, um encontro para compartilhar disparadores de processo, elementos diversos que desenham atmosferas, desejos que mobilizam as artistas a agir, a partir da leitura das dramaturgias *Margem Abandonada Medea*, *Material Paisagem Com Argonautas* e *Hamlet-Máquina* de Heiner Müller.

¹² Anotação de conversa, diário de bordo.

Encontro de criação na sede

22/01/2018

I

Sede da Selvática.

Conversa sobre as conexões visuais, sonoras, textuais, conceituais, estéticas que fazem as artistas com os textos de Heiner Müller.

Uso do projetor e leituras, criação de um espaço virtual de constante compartilhamento.

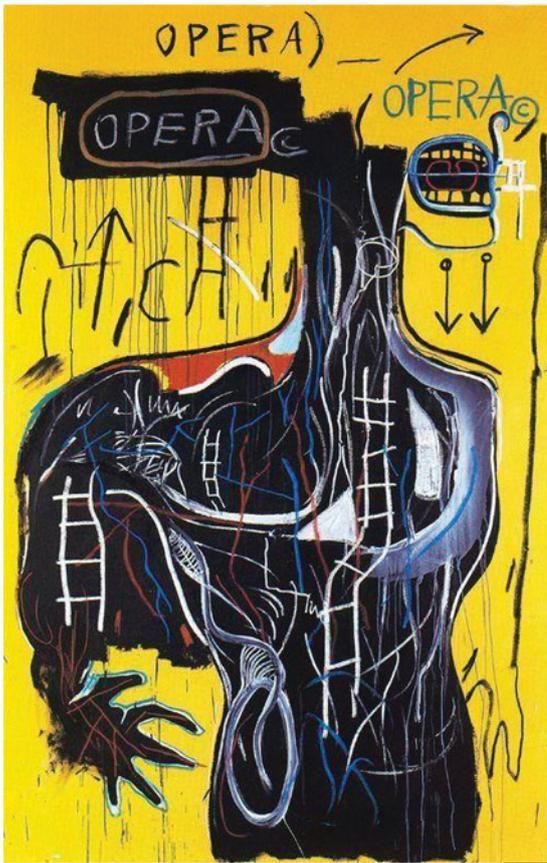
II

Um liquidificador: Biografia de Heiner Müller, Tempos Modernos de Chaplin, Grada Kilomba, decolonial, inspirações de luz e som. De música contemporânea alemã a Pink Floyd, trilhas sonoras, sons mecânicos. Fatos jornalísticos sensacionalistas que apresentam tragédias que se assemelham a Medeas de Shakespeare, ideias sobre o inconsciente maquínico de Deleuze e Guattari, Vera Monteiro, dança, imagens de cabarés, cores, ornamentos, mangas e golas avolumadas, a pintura de Jean Michel Basquiat.

III

Em processo, artistas criam conexões infinitas.

Pensamento máquinico: coletivo processa junto, referências trazidas por toda equipe, citações, livros em si, notícias de telejornais, imagens, sons, cores, luzes...



Considerado como agenciamento,
 ele (o livro) está somente em conexão
 com outros agenciamentos, em relação
 com outros corpos sem órgãos.
 (Deleuze e Guattari)

Um modo infinito e ilimitado de conexões, significações, caosmose. Inspiração para partir e múltiplos pontos de partida. Derivar na busca de algo que não existe. Alianças. Desenham estratégias para agir. Como fazer? Agir. Como fazer? Experimentar. Como fazer? Errar categoricamente. “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 5). Sampler é um aparelho que captura fragmentos de músicas para compor outras, quebrando algumas hierarquias da autoria, se aproximando da colagem.

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um *agenciamento*. Um livro é tal um agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade - mas não sabe ainda o que o múltiplo implica, quando ele deixa de ser atribuído, quer dizer, quando é elevado ao estado de substantivo. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 5)

Arte contemporânea. Inconsciente maquínico. Essa rede de artistas lida com *conceitos como intensidades*, uma dimensão que se vive com o corpo. Não só os conceitos, informações, encontros, não hierarquiza para criar. Um modo singular de pesquisar, de ler livros, lidar com conceitos, imagens, sons...

Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significativa, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para um corpo sem órgãos, que não pára de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não pára de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como um rastro de intensidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 5)

Os cadernos de artistas tomam notas de mapas não-lineares do pensamento, emaranhados. Documentam esse processo com textos e mapas de ação. Criar um

jeito, um caminho, um modo de existir. “Em todas as frestas”¹³ afirmam as artistas de cabaré. Deixar de ver umas tantas coisas, para reparar em outras inimagináveis, inúteis. Traçar minoritário. Olhar essa rede de artistas e materializar uma cartografia. Os mapas revelam-se um modo de olhar, criar conexões deste trabalho *com*.

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação por essa vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, com uma máquina de amor, uma máquina revolucionária. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 5)

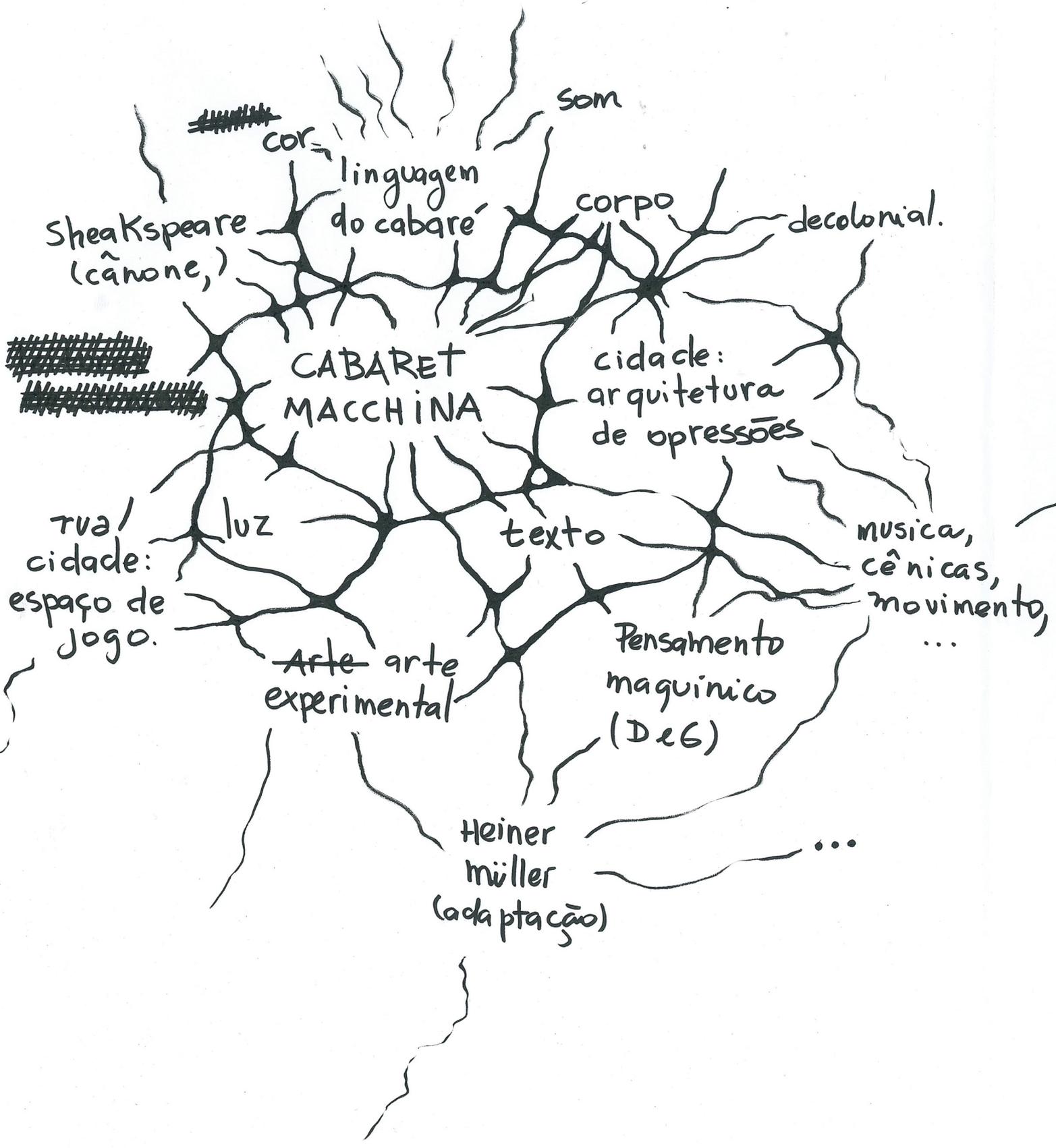
Corpo coletivo, rede de existências singulares, bando polifônico. Quando as artistas se juntam na praça. Quando se distanciam até separar-se do bando em pontos de performance na praça. “Imaginem que existe um fio que liga os corpos quando nos separamos”¹⁴.

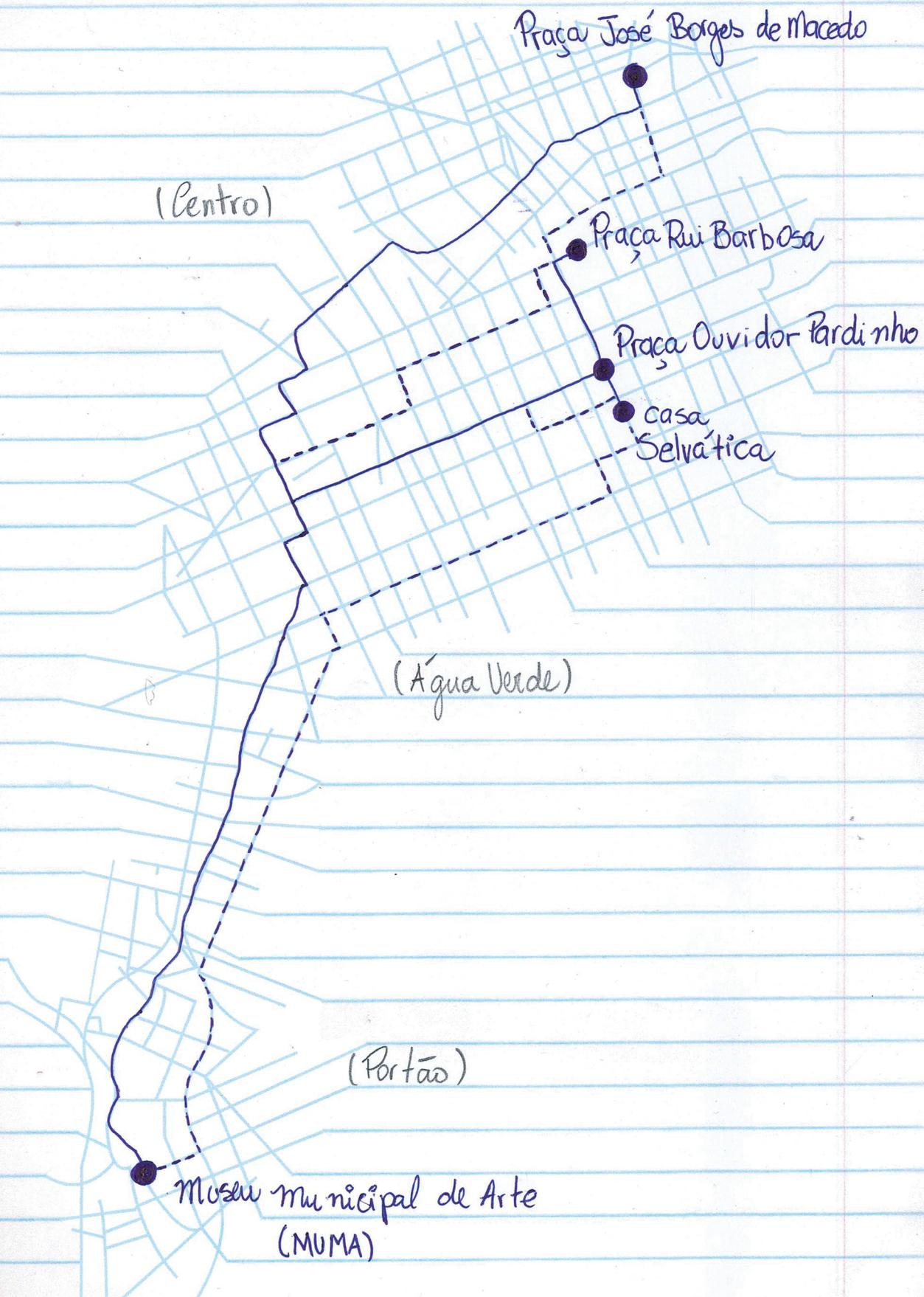
A inspiração para falar da rede, Deligny busca no fazer da aranha, a personagem que inventa em seu ensaio o aracniano, não é movido pela consciência, mas atravessado.

Quais mapas desta rede de artistas criadoras de um Cabaret Macchina são possíveis traçar? Criar mapas para olhar estes modos de criar uma dramaturgia, um texto, criar-viver variados modos de ser na cidade.

¹³ Caderno de criação de Ricardo Nolasco.

¹⁴ Anotação de conversa, indicação de Gabriel Machado, diário de bordo.





Praça José Borges de Macedo

(Centro)

Praça Rui Barbosa

Praça Ouvidor Pardiniho

casa Selvática

(Água Verde)

(Portão)

Museu Municipal de Arte
(MUMA)

CABARÉ MACHINA

"Traçar é um agir." (p. 87)

O que é uma máquina?

COMO FALAR NA RUA?
COMO FALAR EM BANDO?

COMO FALA UMA MÁQUINA?

O QUE ME AUTORIZA A FALAR? O QUE ME PERMITE TER VOZ?

QUAIS OS SENTIDOS POSSÍVEIS DE UM DISCURSO?

COMO FALA UMA CIDADE?

COMO FALA O INIMIGO?

COMO FALAR QUESTIONANDO O QUE SE FALA?

COMO OUVIR QUESTIONANDO O QUE SE ESCUTA?

COMO NÃO TEMER SER OUTRA/OUTRO?

COMO ME PERDER EM UMA CIDADE?

COMO NÃO ME PERDER EM UMA CIDADE?

COMO EXPOR UM MUNDO COM O QUAL

EU POSSO NÃO COMPACTUAR?

2019 21/09/2019
RUA...
• HISTÓRIAS DE REIS E RAINHAS
EM UMA TERRA SEM REIS.
MOVIMENTOS SÓCIS. CORPAT
POLÍTICOS. TRABALHO COLETIVO.

"Se eu quisesse indicar uma das constantes da rede, incluiria esse fora como uma das dimensões necessárias. Assim, e quando o espaço se torna concentratório, a formação de uma rede cria uma espécie de fora que permite ao humano sobreviver." (p. 18)

Caderno de anotações Ricardo Nolasco, Diretor Geral.

"Isso é anotado meramente para indicar que a rede não é uma solução, mas um fenômeno constante, uma necessidade vital." (p. 32)

COMO FALAR "GEOGRAFIA"?

COMO FALAR "FERIDA"?

O QUE PODE SIGNIFICAR

FALAR DE DENTRO DE UM

CABARÉ?

PLANTA CIDRA ABERTA.

"Se uma rede era assim tramada, tratava-se de capturar o quê? Tratava-se de usar as ocasiões, e além disso, o acaso - isto é as ocasiões que ainda não existiam, mas que em ocasiões se transformariam pelo uso que faríamos da "coisa" encontrada." (p.20)

Uma arquitetura que apresenta respostas ao mundo que propõe um novo mundo metal em uma pele sensível. Cidade arquitetura de opressões. Cidade espaço de jogo. Play Ground.

"Uma pesca assim que cria coisa onde não existe nada, requer uma rede cujo esquema dificilmente - isso seria de se espantar - se faz ao acaso. Na realidade, acaso é uma palavra absolutamente inexplorada, e usada meramente para conter nossa perplexidade." (p.20)

DELIGNY, Fernand. O aracniano e outros textos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

A CRIAÇÃO

Toda a minha visão não é puramente ótica mas está visceralmente ligada à minha vivência do sentir, não somente no sentido imediato, mas, mais ainda, no sentido profundo que não se sabe onde está a sua origem.
(Lygia Clark)

Acompanhar essa criação, fora. O teatro que desta vez foi usado como camarim. Nos trajetos da sede até as praças públicas, artistas deslocam-se. Do ambiente privado da sala de ensaio para a rua, uma guinada.

Um desfile na praça. Uma curta caminhada performativa. A praça uma passarela. Uma artista levanta um objeto com as mãos caminhando lentamente. Reverencia um tênis all-star, como se carregasse um troféu. Outra artista desce até o chão. Outra fala um texto. Outra pula corda.

Outra artista comenta os desfiles com o público que passa. O vai-e-vem é constante alguns param, e observam, alguns ficam por um tempo. Outros públicos. Tudo se move o tempo todo. Fragmentos de cenas, performances, improvisos, imprevistos.

Intervir artisticamente: lambe-lambe. Deixar como rastro papéis colados nos postes. Não vendem nada, anunciam: Tu me deves uma história América!

Rodas de conversa na praça para pensar essa criação com todas as pessoas envolvidas (produção, design, pessoas que acompanham o processo como a interlocutora, incorporada no elenco contraregra-personagem que atravessava o espaço empurrando um carrinho, mini camarim móvel com figurinos, adereços, objetos de cena, mimos para o público e etc...).

O tema das conversas surgia a partir do dia de encontro, a partir dos textos de Müller ou da dramaturgia. Uma outra marcha, em um espaço que um dia fora um quartel. Inventar aqui e agora Medea, Hamlet, Jasão. Um texto de Shakespeare ecoando pelas marquises. Triturar o cânone, assim como fez Heiner Müller. Triturar Müller também. Criar leituras próprias. Aqui e agora.

Um jogo de queimada na praça Santos Andrade, na noite do dia 06 de julho de 2018, a seleção brasileira de futebol jogou as 15:00 e perdeu de 2x1, disseram que até gol contra aconteceu.

Um torneio de vedetes. Uma quadra improvisada com mochilas e gambiarras. Duas comentaristas munidas de microfone e caixa de som: “É como um grande balé russo. [...] Um time defende a desterritorialização e outro a territorialização de seus territórios. [...] Neste jogo não tem perdedores nem ganhadores.”¹⁷ Uma jogadora eliminada canta a música *Folhetim*.

Esta cartografia pensa a criação a partir do processo. Procedimentos e uma disponibilidade de abertura para o mundo e suas intensidades. Disposição que se percebe nas artistas e no texto do educador e poeta Deligny. Não é sobre um resultado de produção, mas da relação entre a criação e a alteridade, entre a criação e o agir. Entre o que se produz e o desejo. Criação como uma potência do vivo, o que Suely Rolnik (2018) chama de potência de criação.

Artistas construindo um texto com a cidade. Realizando a possibilidade de estar em praça pública. Dando lugar ao que pede passagem. Criar como um modo de existir. A criação e a relação com o entorno, com o ambiente. Sensações estéticas. Estremecimentos. Atuar em níveis moleculares.

A potência de criação na lida das artistas com a cidade - povoamentos e territorialidades múltiplas, convívios, reparar e ser reparado em variados e singulares modos de viver e estar - convida a pensar a criação em um registro expandido de potência, ética e estética, que desloca a questão da arte/da artista para a criação como potência de afirmação da vida e disponibilidade de recriação constante dos modos de viver. “Poderíamos chamar isso de máquina! Máquina desejante produzindo vida.”¹⁸

Estar à altura da vida depende de um processo de criação que tem sua temporalidade própria, distinta do tempo cronológico da esfera macropolítica em que o ritmo é previamente estabelecido. Desse processo resultam devires de si e do mundo, diferentemente da dinâmica própria à esfera macropolítica, na qual as formas vigentes se repetem por princípio. (ROLNIK, 2018, p.112)

¹⁷ Anotação de conversa, diário de bordo.

¹⁸ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.

O que podem artistas em uma cidade? O que podem artistas nas praças?

Que cidade inventam artistas criando (n)a cidade. Fissurar certezas: o fluxo acostumado dos trajetos, um conceito puramente biológico de corpo, ideias mofadas. Estar vivo, além do movimento de funções biológicas do corpo. “A potência de criação permanente do sentido de si e do mundo” (ROLNIK, 2000), que permeia a vida, o campo da educação, e de modo transversal arte e ciência.

Ao criar na praça, as artistas não fazem mais do que seu trabalho, mas esse texto descortina uma cidade. “Pacotes de bolacha. Montes de cocô. Embalagens de Jontex, caixas de Marlboro na lama de Mariana, latas de cerveja, Belo Monte revisitada”¹⁹. Uma cidade subjetiva profundamente conectada com o corpo e um corpo social. “É tudo espetáculo.”²⁰ Para Guattari (2011), o sistema que denomina *capitalismo mundial integrado*, “tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos e de sintaxe e de subjetividade, por intermédio especialmente no controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc...” (p. 31) A cidade congrega tudo.

A cidade produz o destino da humanidade: suas promoções, assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da inovação social, da criação em todos os domínios. Constatase muito frequentemente um desconhecimento desse aspecto global das problemáticas urbanas como meio de produção de subjetividade. (GUATTARI, 1992, p. 173)

A manutenção de nosso sistema econômico incide diretamente sobre nossos desejos, as imagens que produzimos sobre a realidade, no modo como aprendemos, no modo como olhamos.

O que condena o sistema de valorização capitalístico é seu caráter de equivalente geral, que aplaina todos os outros modos de valorização, os quais ficam assim alienados à sua hegemonia. A isso conviria senão opor ao menos superpor instrumentos de valorização fundados nas produções existenciais que não podem ser determinadas em função unicamente de um tempo de trabalho abstrato, nem de um lucro capitalista esperado. (GUATTARI, 2011, p.51)

¹⁹ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-ediipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.

²⁰ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-ediipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.

Sistema que atua na formação do olhar. E com as artistas só é possível pensar formação como desformação e na perspectiva processual. Uma criação que é resistência micropolítica. “Não iremos cantar nada que não seja uma tentativa de artistas em uma praça pública. Não nos esconderemos. Somos e seremos máquina cidade”²¹. Ao criar na praça, as artistas não fazem mais do que seu trabalho, mas povoam o ambiente de sensações, desformações dos sentidos, das certezas. “Subjetividade em estado nascente que não cessaremos de encontrar no sonho, no delírio, na exaltação criadora, no sentimento amoroso.” (GUATTARI, 1992, p.16)

O que move os agentes da insurreição micropolítica é a vontade de perseveração da vida que, nos humanos manifesta-se como impulso de “anunciar” mundos por vir, num processo de criação e experimentação que busca expressá-los. Performatizado em palavras e ações concretas portadoras da pulsação desses gérmenes de futuro, tal anúncio tende a “mobilizar outros inconscientes” por meio de “ressonâncias”, agregando novos aliados às insubordinações nesta esfera. (ROLNIK, 2018, p. 131)

Essas redes que insistem em existir, singularizando. “A bem dizer, chovem redes aos borbotões, e parece que essa proliferação de redes atinge seu ápice nos momentos em que os acontecimentos históricos [...] são intoleráveis e verdade seja dita, nessa sua propensão para serem intoleráveis os acontecimentos históricos são talentosos”. (DELIGNY, 2015, p. 15)

Processos de criação fazem fissuras nos caminhos previstos. Invenção de modos de fazer, agir. Aproveitar o estado de alerta. Aproveitar o barulho de tudo. “É preciso haver uma necessidade, tanto em filosofia quanto alhures, caso contrário nada há. Um criador não é um padre que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade” (DELEUZE, 2016, p.333).

Ao criar na praça, as artistas não fazem mais do que seu trabalho, mas atuam na produção de subjetividade. Em um cenário onde a tendência é a alteridade “perder toda a aspereza” (GUATTARI, 2011, p.8). Estas artistas não estavam na cidade para consertá-la, resolvê-la, traduzí-la ou qualquer outro sentido de intervenção. Mas, pelo contrário, a criação de estratégias para estar e relacionar-se com as múltiplas linhas de seu caos e incorporá-lo como matéria de criação. Conforme Guattari (1992, p.130), a potência estética de sentir está em vias de ocupar uma posição privilegiada nos

²¹ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.

agenciamentos coletivos de enunciação de nossa época. O autor aponta a necessidade de uma reorientação radical da produção, seus meios e finalidades, para se preservar a vida no planeta. A ecologia deve levar em conta não apenas fatores ambientais, mas uma transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos (GUATTARI, 1992, p.173).

A partir de uma pergunta surgida no processo, sobre eventualmente a população em situação de rua não compreender a peça por palavras difíceis. As pessoas não costumam considerar conceber o que o outro pensa/sabe como uma violência. Esta cartografia fala em alteridade, e alteridade nada tem a ver com tradução neste sentido, mas a radicalidade do olhar em perceber diferenças e no caso das artistas, produzir diferenças.

De um modo mais geral, todo descentramento estético dos pontos de vista, toda multiplicação polifônica dos componentes de expressão, passam pelo pré-requisito de uma desconstrução das estruturas e dos códigos em vigor e por um banho de caótico nas matérias de sensação, a partir das quais tornar-se-a possível uma recomposição, uma recriação, um enriquecimento do mundo (um pouco como se fala de urânio enriquecido), uma proliferação não apenas das formas mas das modalidades de ser. (GUATTARI, 1992, p. 115.)

O corpo do teatro, o corpo da biologia, o encontro com outros corpos, a disputa, a ameaça, a cidade me atravessa, o corpo todo. O corpo na fila do mercado, o corpo em um hospital, não é possível compreender nossa espécie humana apenas por uma perspectiva “é preciso aprender a pensar transversalmente”. (GUATTARI, 1992, p.32.)

Formação como processo e processo como formação. Não se relaciona com o conhecimento como quem quer entender, no sentido de dominar, mas sim jogar-se numa relação confiando radicalmente na capacidade de fazer conexões. Percebendo e movimentando insurgências que quebram modelizações e permitam a abertura para a alteridade: “Um garoto autista traça; vocês sempre poderão se perguntar o quê e, ato contínuo, fornecer a resposta. Traçar é um agir. Que a rede seja um agir é algo que mais dificilmente se admite. E, no entanto, ou ela é um agir ou não é rede” (DELIGNY, 2015, p. 87)

O conhecimento como intensidade que passa pelo corpo. A cidade como conhecimento/intensidade que passa pelo corpo. “Uma ordem objetiva “mutante” pode nascer do caos atual de nossas cidades e também uma nova poesia, uma nova arte

de viver. Essa 'lógica do caos' pede que se examinem bem as situações em sua singularidade." (GUATTARI, 1992, p. 175). Processos de criação: não extingue, não esgota, não resolve, não dá conta do assunto. Esse coletivo numa praça, criando, existindo, acordando corpos.

A MÁQUINA QUE SOMOS²²

Artista 4:

E por que nos calaríamos bem agora?

A essa altura do delírio, da adaptação da narrativa fundante?
Leva daqui essa impressão de que não podemos fazer da guerra
de antes um ponto de partida para a máquina que somos.

Escuta essa gente que respira, ainda,
em consideração ao sonho: espécie de motor de tudo.²³

Estas artistas não estavam na cidade para consertá-la, arrumá-la, educá-la,
interpretá-la,..., é a presença que provoca:

um corpo, um texto, uma vibração.

O encontro que provoca, apresenta uma proposta estética para o mundo.

Artistas dinamizam conceitos, encontros, textos, imagens.

Tudo passa pelo corpo.

- Eu sou um Homem ou sou uma Máquina? (Baudrillard)
- Eu sou um Homem ou sou uma mulher? (Corlan)
- Esse é meu corpo, esse é meu software (Corlan)
- Prefiro ser ciborgue a ser deusa (Haraway)
- Eu era Hamlet (Müller)
- Eu quero ser uma máquina (Müller)
- Nossa existência é um ato de rebelião (Anzaldúa)
HAMLET. Anti Hamlet. Pré Hamlet. Pós Hamlet. Hamlet Máquina.
Herói. Telma H. Medea. Des Medea. Medea material. Medea
metal. Deus ex machina. Édipo. Anti Édipo. "Esse vendaval
é o que chamam de progresso" (Benjamin). Enquanto
SHAKESPEARE ESCREVER NOSSAS HISTÓRIAS NÃO SEREMOS
NÓS MESMOS. Enquanto müller escrever nossos pós-
dramas, não seremos nós mesmos. Esse é um
TRABALHO DE RELEITURA. ESSA É A CONSTRUÇÃO DE
UMA MÁQUINA.

²² Texto escrito com caderno de Ricardo Nolasco, notas do livro Máquina Kafka de Félix Guattari (2011) e outras alianças.

²³ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-ediipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.

Uma arquitetura que apresente
respostas ao mundo. Que proponha um novo mundo.
Metal em uma pele sensível. Cidade arquitetura
de o pressões. Cidade espaço de jogo. Play Ground.

Tomar os meios de produção de sentido.

"Poetizar o URBANO"
↓
As RUA e as bobagens do nosso ~~day~~ day dream
diário se enriquecem
↓
Vê-se q elas não são bobagens nem trovões
sem consequência
↓
São o pé calçado pronto para o delirium ambulatório
renovado a cada dia"

Não é um modelo mas tem uma proposta. Exposta proposta, em alto e bom som. Encanta palavras, encanta espaços. Encarar e povoar a cidade com o dissenso. Ninguém é obrigado a concordar com uma obra de arte, não é sobre isso. Mas uma relação se estabelece com a cidade e uma relação com a palavra que possibilita e potencializa a vida. Uma proposta colocada que não intenta vender nada. Mas atua nos sentidos.

A praça espaço de jogo, playground: aberta como campo de criação e experimentação.

Reparar nos encontros na cidade.

Duas pombas disputam uma pipoca. Mas de alguma forma cada uma dá uma mordidinha e passa para a outra.

Dança-jogo-disputa.

Funcionários de uma empresa de cimento conversam no ponto de ônibus. Especulam qual colega teria deixado um ovo apodrecer dentro do armário da firma. Polícias de diversas ordens acionadas para resolver o caso.

Estar.

Observar.

Escutar.

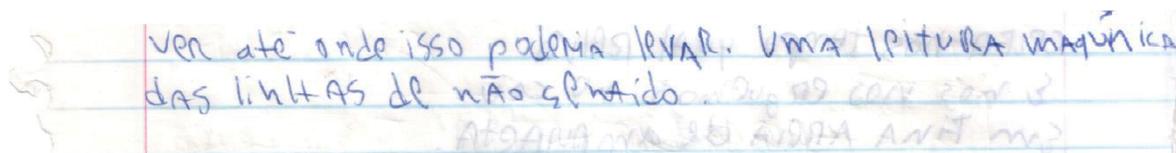
Ouvir conversas alheias.

Ler.

Encontrar.

Entidades humanas e não-humanas.

Velocidade e proximidade de andar a pé.



Um olhar que perceba a marca de singularidade nos mínimos gestos e encontros.

Um caderno que sonha.

“Eu quero ser máquina de escrever”.²⁴

Escrever para existir, escrever para sentir.

²⁴ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-ediipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.

primeira pessoa que vi hoje, imagens do CARNAVAL, sensações e lembranças do Banquete Máquina 5 na Praça Genésio Marques, atividades no portão cultural, apresentação Máquina 5 na Praça do Atlético, ensaio na parte da manhã do SÁBADO, ensaio livre, investigação das relações CORO, ensaio musical, proposições na Rui BARBOSA, demora NA MATRIZ, passeio como Revolta pelo RPBOLZAS, troca de referências, FAZENDINHA, leituras, Fotos no FERRO VENTO, preparação das fotos, até VOLTARMOS PARA o nosso primeiro encontro, Máquina 1. Eu trago todo esse processo vivido dentro de mim.



95. Um tipo de lógica máquina onde os processos não
 funcionam por meio de significação, mas contaminação q-
 - Afetiva ou sintonia de frequências, vibrações e bifurcações.

Abalados - máquina que continua

Este bando destoante e dissonante.

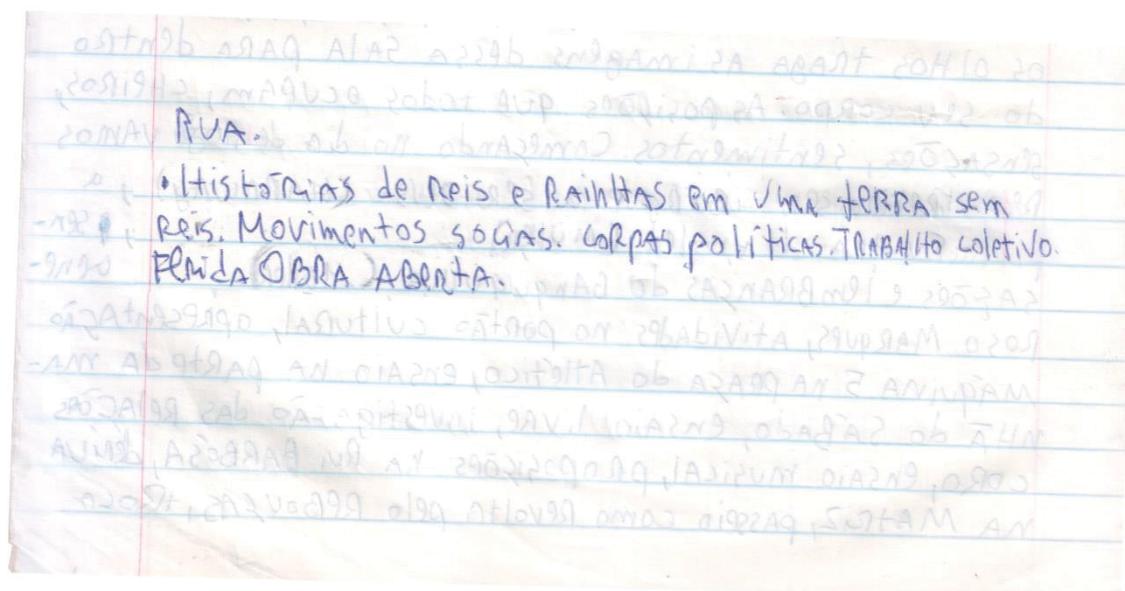
Que cidade torna possível?

Com a força da invenção, presença, cabaré, Müller, figurinos, sons, cores, e e e...

Que cidades criam?

Que corpo é efeito desta criação?

Que corpos as cidades criam?



Uma cidade possível de encontrar artistas criando em uma praça.

Uma cidade de incontáveis modos de existir.

A literatura.

Tudo, absolutamente tudo, é texto.

Um trabalhador da obra na praça pára para fazer uma selfie. Está escrito PARE por todos os lados.

Comunicações coletivas.



Ao BUSCAR ÁGUA CAIU SOB MIM UMA CASA
 Em nossas COSTAS A CASA FOI CARREGADA
 Nos ombros meus e do cachorro
 Não me perguntem como
 ISSO PARA MIM É PASSADO
 PERGUNTEM COMO AO CACHORRO
 Ingl Müller

Pequenas pláteias que se formavam e desformavam.

Encontros mínimos.

Estranhamentos.

Contágios.

Convívios.

Máquinas desajustes. Máquinas acopladas a outras máquinas, máquina
 produzindo conexões. Máquinas passando fluxos. Tudo em nós CRIA, FAZ,
 corta, torce, processa, produz. Nosso corpo é uma usina. Átomos
 se juntando e se separando, formando moléculas que se sobrepõem,
 decompõem, justapõem. Essas partículas se juntam para formar
 coisas, elas adquirem uma determinada ordem que possui a
 capacidade de manter-se. A organização das máquinas desaj-
 stadas CRIA o organismo (o corpo é uma máquina den-
 tro de uma máquina social). As células são máquinas

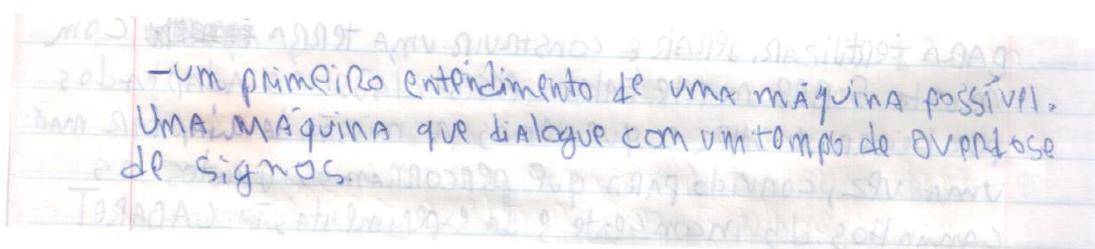
Dúvidas:

Mais de uma vez alguém passante perguntava:

- É teatro?
- É teatro. Prontamente alguém respondia.
- É teatro e e e...

Arte é o mínimo território possível de situar o que acontece na praça e não se entende.

Sons, cores, palavras, a arte um sentido possível do que extrapola. Alarga.



Sempre em movimento, sempre movimentando e sendo movimentadas
 por máquinas menores e maiores. Produção sem lógica, sem nexo,
 sem finalidade. O inconsciente produz. Não para de produzir. Funcio-
 na como uma FÁBRICA (deleuze). Somos fruto dessa produção desen-
 preada. Todo desejo é produção de realidade. O desejo não quer
 ser interpretado, ele quer criar, quer expandir-se. Não inter-
 pretar, mas experimentar! Produção a serviço da improdu-
 ção. Só assim é possível passar de máquinas entorpecidas
 para máquinas revolucionárias. Se não se montar
 uma máquina revolucionária capaz de se fazer cargo do
 desejo e dos fenômenos do desejo, o desejo continuará
 sendo manipulado pelas forças de opressão e repressão.

Giuseppe Arcimboldo

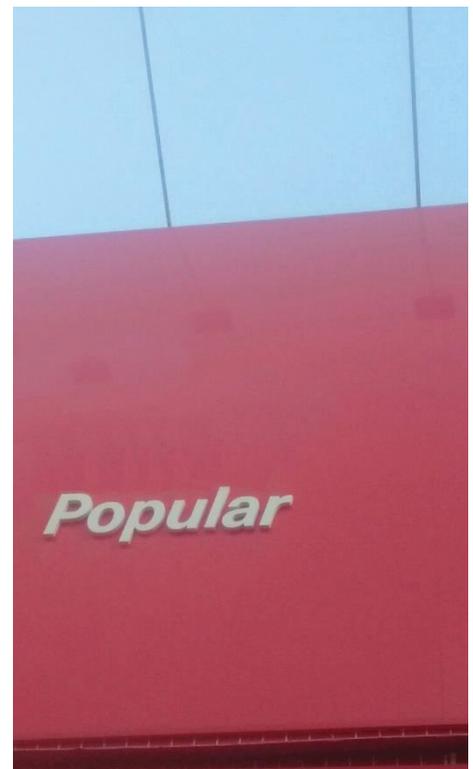
Uma coleção de palavras.

A rua é cheia delas.

Muitas coisas para ler e leio:







A palavra na cidade interessa.



2019/12/12, terça-feira, 14h30
2019/12/12, terça-feira, 14h30
2019/12/12, terça-feira, 14h30
2019/12/12, terça-feira, 14h30
2019/12/12, terça-feira, 14h30

Pensar com o corpo e incorporar outros registros, sensações. Implicar o corpo, os sentidos e sentir.





Alguém me pede dinheiro e quer contar sua história. O meu coração já rolou no asfalto. As pessoas não têm tempo, muito apressadas ou dentro de carros velozes, no que pensam? Todo mundo sonha.

com sonhos que tive nesse processo. Vamos evocar esses
velozes sonhos não para interpreta-los, mas para viv-los.

Passando pela rua um burburinho. Dois garotos ajoelhados no chão. Um homem, que chegou de patinete elétrico, com uma arma empunhada. Professa humilhações e finaliza sua abordagem em alto e bom som:

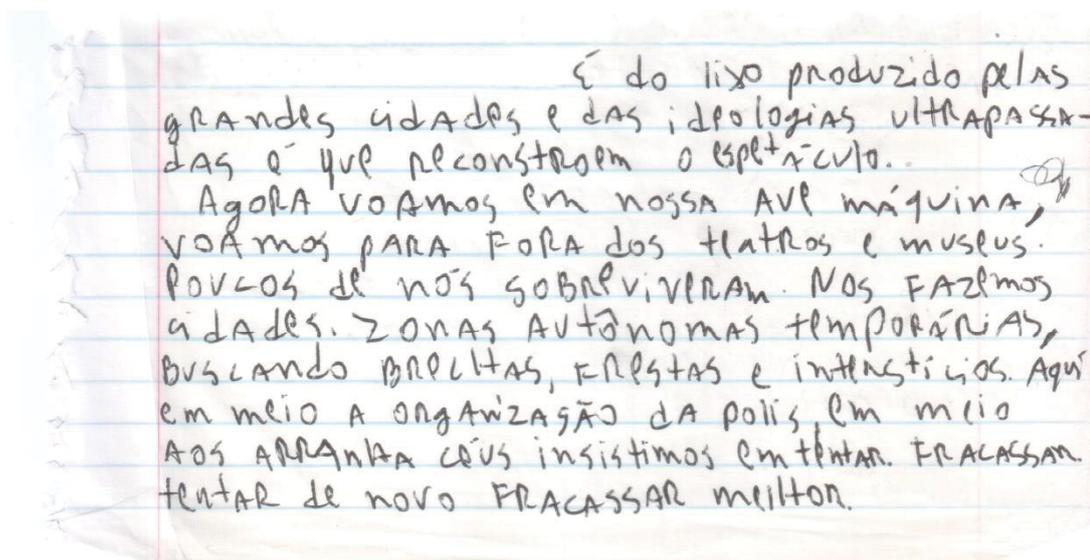
- Vocês sujam a cidade!

O transeunte se autoriza a dizer que deveriam ser feitos disparos nas cabeças.

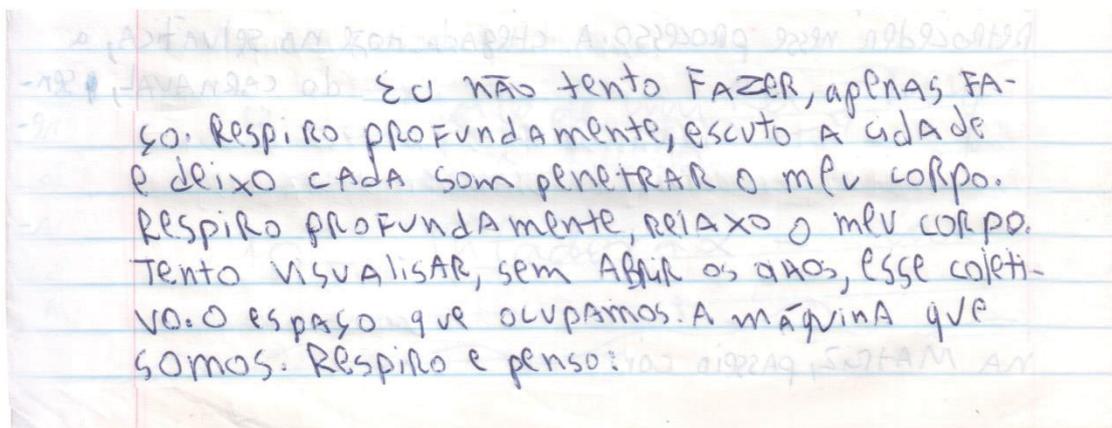
“A cidade é uma ferida aberta”²⁵.



Violência. O estado-de-alerta que exige atenção, mas não impede meu corpo de agir, que não faz parar. Que não sucumbe ao medo. Ocupar. Incorporar. Atenta e forte, como a canção.



²⁵ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-ediipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.



Uma banca de jornal que o dono comenta as notícias com uma caneta esferográfica.





distintas engrenagens. Nada disso é sobre
ser a melhor opção máquina-espetáculo-pegar-
LABARET. Tudo isso é sobre a máquina que somos.
Uma máquina confusa, dissonante, polifônica,
apaixonada, intransigente e amorosa. Tudo isso
é sobre a experiência de ser o que e como somos.
Com nossas máquinas frustrações e esperanças.

Um corpo absolutamente vivo na praça, que não dissocia vida de sonho é o que podem as artistas na praça. “São perigosos”.²⁶

²⁶ Cabaret Macchina – Uma pós-ópera anti-edipiana da Casa Selvática - Dramaturgia Leonarda Glück e Francisco Mallmann, a partir da obra de Heiner Müller.

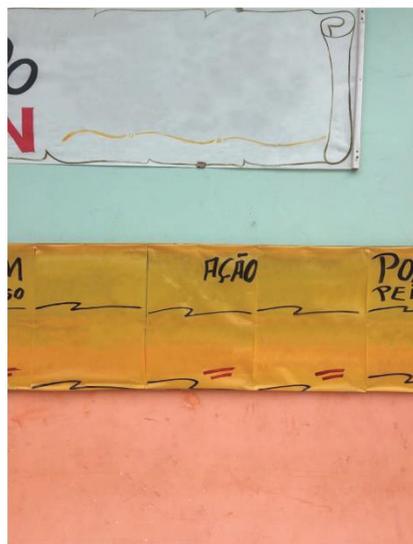
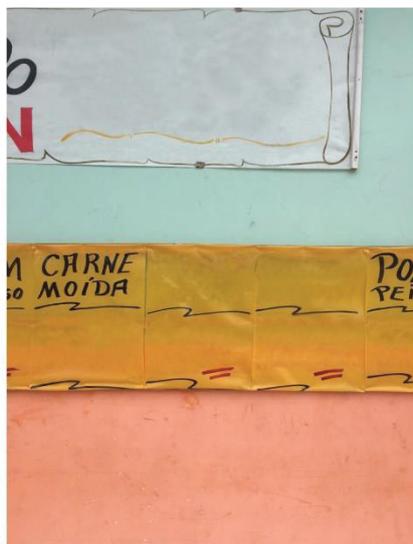
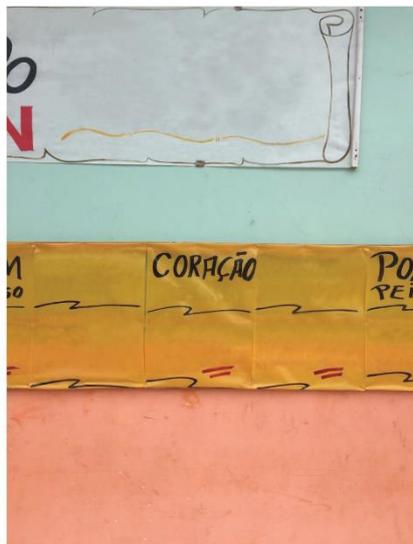
Nesse processo desenvolvemos 6 máquinas coletivas.
 Esboços. Protótipos do que poderia ser e contem
 A nossa máquina. Utilizamos as palavras de
 Heiner Müller e a nossa, fizemos um set cinema-
 tográfico, cenas, exercícios de auto contemplam-
 to, criamos cenas e simplesmente estivemos
 na cidade, ocupando e sendo ocupados. Invadindo
 e sendo invadidos. Comendo e sendo comi-
 dos por olhares e mosquitos. Como FALAR
 PERDIDA? Como FALAR de dentro de um CABARÉ?
 Como cuidar da minha própria PALAVRA?

~~Dividimos também nossas peças em máquinas~~
 Agora esse processo começou

Eu olho para cima e vejo céu, sem teto da estrutura, o lar, o trabalho, arquitetura das instituições. As artistas na praça não faziam mais nada mais do que fazer seu trabalho. A praça é que desnudou processos.



Eu me lembro de um tempo que me foi ensinado olhar para os dois lados da rua antes de atravessar. Algum tempo em que me foi ensinado este gesto. Quais saberes na cidade?



REFERÊNCIAS

PUC-RIO, INFOJUR. Versão Completa. Cadernos Deligny, v. 1, n. 1, 12 jan. 2018.

ARAÚJO, Claudia Aparecida de Castro Meireles. **Rua: uma educação em possíveis**. 73 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2019.

BORGES, Luíza. Mapas, constelações, espirais: a rede em Deligny, Benjamin e Deleuze. *Policromias: laboratório de estudos do discurso, imagem e som*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, junho, 2018. Disponível: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/13671>. > Acesso em: 04 de jun. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de: PELBART, Peter Pál. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975 – 1995)**. Tradução de: IVO, Guilherme. São Paulo: Ed. 34, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: NETO, Aurélio Guerra; COSTA, Célia Pinto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v.1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: OLIVEIRA, Ana Lúcia de; LEÃO, Lúcia Cláudia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: NETO, Aurélio Guerra et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: ROLNIK, Suely. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: CAIAFA, Janice; PELBART, Peter Pál. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 5.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução de: Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes - Artistas, Operários, Revolucionários: Educadores**. Tradução de: MIGUEL, Marlon. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FONSECA, Cristina. **A poesia do acaso (na transversal da cidade)**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1985.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de: BITTENCOURT, Maria Cristina F. Campinas: Papyrus, 2011.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Tradução de: OLIVEIRA, Ana Lúcia de; LEÃO, Lúcia Cláudia. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Máquina Kafka**. Tradução de: PELBART, Peter Pál. São Paulo: n-1 edições, 2011.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução de: ROLNIK, Suely. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KASPER, Kátia M. Ativismo e Humor. Revista Alegrar. V. 2, 2005. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1kKHPGgv7QF-azX-cUpMWrKSVkDUuDXm/view>. Acesso em: 07 jan 2020.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *Body and Society*. V. 10, p. 205-229, 2004. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>. Acesso em: 15 jun 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de: COSTA, Carlos Irineu da. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MALLMANN, Francisco. **haverá festa com o que restar**. Bragança Paulista-SP: Editora Urutau, 2018.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Cartografando \ Fernand Deligny. In: II Seminário Nacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade e I Seminário Internacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade, 2017, Lajeado, RS. **Currículo, criação e heterotopias** (Anais). Lajeado: Ed. da Univates, 2017. p. 96 – 101.

ORLANDI, Luiz B. L. Corporeidades em minidesfile. Revista Alegrar. V. 1, 2004. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1hHAssGqGVu7_RwBINUM_4iCfwwdkevev/view. Acesso em: 20 out 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – volume 2**. Porto Alegre. Sulina, 2014.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade E Diferença: Impertinências. *Educação e Sociedade*. Vol.23, no.79, Campinas Aug. 2002.